

‘É preciso preservar a história da nossa cidade’

Pioneira da arquitetura alagoana e agraciada no último dia 15 com um prêmio que leva seu nome, a professora Zélia Maia Nobre fala sobre os desafios dos profissionais em respeitar o patrimônio histórico e ambiental

Zélia Maia Nobre foi uma das que lutaram pela implantação do curso de Arquitetura da Ufal, ao qual se dedicou durante longos anos



FELIPE BRASILI

MARCOS RODRIGUES
REPÓRTER

A arquitetura como profissão e os desafios de criar um curso em Alagoas foram alguns dos temas abordados ontem pela arquiteta e professora Zélia Maia Nobre. Graduada em 1954, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), já influenciada pela escola de Le Corbusier e Oscar Niemeyer, ela foi uma das pioneiras na lista para que a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) pudesse ter seu próprio curso de Arquitetura, feito obtido em 1º de novembro de 1973. Seu empenho em criar e, posteriormente, em formar centenas de profissionais lhe rendeu uma grande honraria por parte do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Alagoas, que, no último dia 15 – Dia do Arquiteto –, criou um prêmio que leva o seu nome. Em conversa com a Gazeta de Alagoas, ela falou de seu amor a Maceió, à arquitetura e ao marido, o engenheiro e professor Vinícius Maia Nobre, a quem dedicou palavras doces e agradeceu pela convivência feliz e produtiva.

Gazeta. A senhora agora, depois de anos de luta pela arquitetura alagoana, acaba de ser homenageada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo com um prêmio que leva o seu nome. Como a senhora recebe essa honraria?
Zélia Maia Nobre. Eu recebo com muita satisfação e gratidão de todos os meus alunos e amigos.

Quando a senhora iniciou sua carreira, não existia uma escola de arquitetura em Alagoas, o que lhe incomodava bastante, não é isso?

Aqui tinha uns arquitetos, entre eles Messias Gusmão e Santives, além de uma irmã de Lysette Lyra, que eram os que eu conhecia. Mas eu sentia que faltava alguma coisa. Então, eu, junto ao reitor Nabuco Lopes e outros

professores, criei o projeto do curso de Arquitetura, que foi logo aprovado pelo ministro da Educação da época.

Em relação à arquitetura que era praticada nos anos de 1970 há muita diferença da que é desenvolvida por seus colegas nos dias de hoje?

Bem! Eu vejo muita diferença. Na nossa época, a arquitetura era algo feito de forma bem simples, sem levar em consideração os estilos mais antigos, e hoje, por exemplo, visitando a Ufal, vi uns edifícios muito interessantes, feitos com o apoio dos alunos atuais e por professores de fora, e que são muito bons.

Ainda falando da época em que o curso nasceu, ao que se sabe, eram tempos mais eruditos, onde a arquitetura também se misturava com literatura, que era muito romântica e descritiva. Mas se falava muito em funcionalidade. Isso é uma coisa que, independentemente da época, sempre vai marcar a arquitetura?

A função, eu acho que sim. Porque, se não ficar muito claro a função de cada coisa, não tem arquitetura. Tem que, em algum momento, ter uma certa objetividade.

Hoje se fala muito em sustentabilidade. O conceito ganhou força por conta da necessidade de preservação do meio ambiente. Na sua época já se pensava dessa maneira. A palavra tinha essa força como nos dias atuais, já pairava nas discussões dos projetos?

Na época essa palavra já existia, sim. Mas tenho que admitir que está muito mais forte, mais necessária. Eu diria que por conta de tudo que está aí. Das necessidades que naturalmente se impõem. Talvez mais integracionista.

Agora está mais evidente a necessidade de utilização da luz natural aliada ao espaço?

ZÉLIA MAIA NOBRE
ARQUITETA E PROFESSORA

“Há de se destacar que o patrimônio arquitetônico é nossa cultura. Não só uma lembrança. Está faltando arte. Bom senso para não se destruir o que se pensou antes. O conselho que dou aos arquitetos é que eles têm que pensar na cidade e nos espaços, mas nunca destruir o que eles encontraram”

Sim. O urbanismo! Claro que, em primeiro lugar, o espaço e a função de cada um, para depois se criar e desenvolver o projeto.

Como a senhora está vendo o desenvolvimento urbano da cidade? Daqui de seu apartamento é possível ver a ocupação urbana dia a dia. Mas isso em sua opinião está ocorrendo com ou sem equilíbrio?

Eu não acho que há muito equilíbrio, não. Há muita coisa a ser reparada e os arquitetos precisam reconhecer isso. Nem tudo é feito pelo arquiteto. Ainda há pessoas estranhas à arquitetura que criam os espaços e vão desordenando os ambientes.

Ainda sobre a ocupação urbana: cidade está ordenada ou a senhora tem outra impressão?

Em parte, sim. É porque isso depende do grau de conhecimento, de cultura. Enfim, está obedecendo também ao traçado da própria cidade, porque isso está acontecendo em função dos espaços já existentes do rio em relação à cidade. Agora mesmo, assisti a um ex-colega meu que saiu daqui há muitos anos achando a cidade muito mais bonita do que antes, até mesmo em relação ao Recife. E, realmente, o espaço lá da praia (a marítima) está mais organizado e mais bonito.

Agora, nas últimas décadas, muitas usinas fecharam, e isso, aliado à seca, expulsou muita gente do campo para a cidade. A senhora acha que é preciso também pensar a cidade olhando para áreas onde essas pessoas estão morando, que em geral é na periferia da cidade?

Não tenha dúvidas disso. É preciso, realmente, acreditar e aprender. Há a necessidade de se conhecer bem a cidade para essa povoação, as pessoas, onde vieram, para poder ela ser organizada de forma devida, para que também as pessoas vivam com qualidade.

Do modo que a senhora fala, e tão, tem que se pensar diariamente na qualidade de vida, mobilidade urbana (serviços de transporte), educação e, também, o lazer?

Sim. Porque acho que o que falta é ligação. Me refiro aos governos, prefeitura com o próprio Estado. Parece que falta muito conhecimento de urbanização. De acreditar no que pode acontecer no futuro. Aí, sem essas dúvidas a cidade vai ficar do mais desorganizada. Enquanto isso, as necessidades das pessoas vão aumentando. Porque também existem muito mais pessoas nos lugares. Há a necessidade

de se planejar. Imaginar que a população vai crescer ainda mais.

A senhora imagina que a arquitetura possa se integrar à paisagem da cidade, fazendo com que uma valorize a outra?

Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. A arquitetura tem que estar ligada com a paisagem da cidade. Com os espaços já criados. Eles têm que ser criados em função do que existe, em especial da natureza. Não pode ser criado aleatoriamente.

Vejo que próximo ao prédio onde a senhora mora há um mirante muito conhecido, que é o São Gonçalo. Este, felizmente, está preservado. Mas, em toda a cidade há patrimônios que estão se desgastando com o tempo. Como tem visto isso?

Verdade! Existem muitos sem cuidado. Li há pouco tempo, na própria Gazeta de Alagoas, edifícios antigos que estão se acabando. E não deviam. Há um que fiz, que foi o Parque Hotel, que realmente está estrangulado entre os outros prédios.

Isso se deveu a quê? À falta de conhecimento dos governos?

Ao desconhecimento da necessidade de preservação. Não acreditaram nessa necessidade que guarda a nossa história e a da própria cidade.

Quando uma obra arquitetônica é projetada, ela se baseia na necessidade do momento, ou também há de se levar em conta o que representará no futuro?

Bem, o arquiteto tem que pensar de forma clara no momento. Na necessidade que o levou a fazer aquilo ali. Mas, em seguida, deve pensar também em como aquilo vai ficar e ser preservado.

O conceito de cidade planejada mais conhecido é o de Brasília. As outras foram se acomodando com o tempo. Em relação a Maceió, se fôssemos organizá-la, ficaria muito caro? Teria que desapropriar muita coisa?

Eu acho que para colocá-la em ordem, teria que desorganizá-la (risos). Temos que pensar numa maneira de fazer isso, na medida do possível, porque é aqui onde vivemos, onde as pessoas irão viver ainda mais.

Sua geração uniu funcionalidade do espaço à estética. Mas, hoje, seus colegas têm pensado muito na estética. Em compensação, estão produzindo apartamentos cada vez com menos espaço. Isso é uma realidade do mercado, que obrigou o profissional a se encaixar dentro dela?

Acho o seguinte: primeiro o arquiteto, geralmente, pensa mais em seu bolso. Segundo, para satisfazer a necessidade de quem solicita, porque, quanto menor o espaço, mais rendimento eles têm. É uma pressão do mercado.

Em Curitiba, a cidade se integra muito com o verde. Há uma presença de árvores satisfatória. Em sua avaliação, é possível uma boa convivência entre o urbanismo e a natureza?

Deve ser, não é? A coisa deve seguir uma lógica em que o urbanismo participe do espaço junto com a natureza. A arborização é necessária por conta do clima.

Estamos perdendo as praças. Se transformaram em moradia de sem-teto e dependentes químicos. Com o tempo, desrespeitam muito esses ambientes?

Acho que sim. Deve-se haver mais fiscalização para evitar essa degradação.

A cidade está mudando e perdendo seu referencial arquitetônico. A senhora tem notado isso?

Sim. Minha vizinhança está mudando muito, por exemplo. Há de se destacar que o patrimônio arquitetônico é nossa cultura. Não só uma lembrança. Está faltando arte. Bom senso para não se destruir o que se pensou antes. Às vezes, destroem os espaços e desaparece até as redondezas. O conselho que dou aos arquitetos é que eles têm que pensar na cidade e nos espaços, mas nunca destruir o que eles encontraram. Hoje, sinto falta desse contato com os estudantes para reforçar isso. Apesar de que, muitos ex-alunos ainda me procuram, e eu fico muito feliz com isso. ☺

